



Laerte. *Folha de S.Paulo*, 10 de junho de 2014.

Declaração de Chapultepec

(Redigida em 1994, por 100 especialistas, a pedido da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), foi assinada pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, em 1996, e pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2006. Seu assunto é a liberdade de expressão e de imprensa.)

Uma imprensa livre é condição fundamental para que as sociedades resolvam seus conflitos, promovam o bem-estar e protejam sua liberdade. Não deve existir nenhuma lei ou ato de poder que restrinja a liberdade de expressão ou de imprensa, seja qual for o meio de comunicação. Porque temos consciência dessa realidade e a sentimos com profunda convicção, firmemente comprometidos com a liberdade, subscrevemos esta declaração.

Quando lhe convém, a imprensa se denomina o quarto poder. E todo poder deve ser regulado pela sociedade, por meio de lei. Imagine-se o poder financeiro sem regulação, o poder político sem fiscalização. E até o poder religioso: de repente surge uma religião que permite sacrifícios humanos. E o único poder em que não se pode tocar é o midiático? Temos que superar esses tabus.

Rafael Correa, Presidente da República do Equador.

Folha de S.Paulo, 23 de julho 2014.

É preciso tratar de compreender esse discurso, que agora se torna raivoso, de uma direita que está presente no espaço público e nos estádios de futebol e já disputa as eleições, com as armas que tem. (...) Seu maior poder é o controle da mídia. É por meio dela que a direita disputa a opinião pública e impõe sua visão de mundo.

Sílvia C. Bava, *Le Monde diplomatique Brasil*, Ano 7,

Número 84, julho de 2014. Adaptado.

Apesar de já exercer um grande controle ideológico sobre o conteúdo dos meios de comunicação, a esquerda quer asfixiá-los economicamente, consolidando o sonhado controle totalitário da imprensa.

José M. e Silva, *Jornal Opção*.

Os textos acima apresentam, de maneira enfática, diferentes opiniões sobre a questão da regulação da imprensa em sociedades democráticas. Tendo em vista as sugestões neles contidas, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha o seu ponto de vista sobre o tema **Imprensa e democracia: a regulação da imprensa nas sociedades democráticas**.

Comentários à Proposta de Redação

Propôs-se a elaboração de uma dissertação em prosa, na qual o candidato expusesse seu ponto de vista sobre o tema “Imprensa e democracia: a regulação da imprensa nas sociedades democráticas”.

Ofereceram-se, como base para reflexão, cinco textos: no primeiro, uma personagem de charge do cartunista Laerte fazia um questionamento sobre o controle da imprensa; o segundo texto trazia um trecho da Declaração de Chapultepec, assinada pelos ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, na qual se defendia “a liberdade de expressão ou de imprensa, seja qual for o meio de comunicação”. O terceiro texto continha uma declaração do presidente equatoriano Rafael Correa, afirmando a necessidade de fiscalização governamental sobre a imprensa, que, como “quarto poder”, deveria ser “regulado pela sociedade, por meio de lei”. O quarto texto, extraído do periódico *Le Monde diplomatique Brasil*, denunciava o uso da mídia, por parte da “direita”, para impor a própria visão de mundo. No último texto, a denúncia voltava-se contra a “esquerda”, em seu afã de exercer um “grande controle ideológico sobre o conteúdo dos meios de comunicação”.

O candidato deveria selecionar, entre os textos apresentados, as ideias e informações com as quais se identificasse, a fim de defender um posicionamento sobre a necessidade ou não de regulação da imprensa. Para tanto, o candidato deveria refletir sobre os pilares que sustentam a democracia, sendo um deles a liberdade de expressão, refletida inclusive na liberdade de imprensa. A partir daí, caberia questionar o que estaria por trás do discurso de governos simpáticos ao totalitarismo que defendem veementemente o controle estatal da mídia, alegando estarem protegendo a sociedade de possíveis manipulações.

O candidato poderia também reconhecer eventuais excessos por parte de alguns veículos da mídia, que se valem impunemente de expedientes antiéticos, recorrendo a mentiras, sensacionalismo e destruição de reputações, o que representaria um prejuízo à sociedade, já que deturparia o sentido de liberdade essencial em regimes democráticos.

Seria apropriado propor medidas de autorregulamentação da imprensa, bem como formas de controle que partissem da própria sociedade civil. Assim, seria possível assegurar a liberdade de expressão e de imprensa.

Outro aspecto da questão envolveria um marco regulatório da imprensa que se referisse a aspectos econômicos da atividade, como a proibição da posse concomitante, por uma mesma pessoa ou grupo, de meios variados de difusão de notícias, como mídia impressa, tv e rádio. Tal regulamentação de natureza econômica, destinada a limitar a influência de pessoas ou grupos nas atividades de informação, é adotada em diversos países democráticos e não se confunde com controle de conteúdo, mas pode ser utilizada para tal por governos desejosos de acuar a imprensa, como se vê em vários exemplos do mundo atual (Argentina e Venezuela, que servem de modelos para a pretensão do presidente equatoriano – para ficar só na América Latina).

PORTUGUÊS

Texto para as questões 1 e 2. Este texto será usado também para as questões 3, 4 e 5, para efeito de comparação.

Texto I

QUAL O PODER DA LEITURA NESTES TEMPOS DIFÍCEIS?

Hoje, é possível dizer que o mundo inteiro é um “espaço em crise”. Uma crise se estabelece de fato quando transformações de caráter brutal – mesmo se preparadas há tempos –, ou ainda uma violência permanente e generalizada, tornam extensamente inoperantes os modos de regulamentação, sociais e psíquicos, que até então estavam sendo praticados. Ora, a aceleração das transformações, o crescimento das desigualdades, das disparidades, a extensão das migrações alteraram ou fizeram desaparecer os parâmetros nos quais a vida se desenvolvia, vulnerabilizando homens, mulheres e crianças, de maneira obviamente bastante distinta, de acordo com os recursos materiais, culturais, afetivos de que dispõem e segundo o lugar onde vivem.

Para boa parte deles, no entanto, tais crises se manifestam em transtornos semelhantes. Vividas como rupturas, ainda mais quando são acompanhadas da separação dos próximos, da perda da casa ou das paisagens familiares, as crises os confinam em um tempo imediato – sem projeto, sem futuro –, em um espaço sem linha de fuga. Despertam feridas antigas, reativam o medo do abandono, abalam o sentimento de continuidade de si e a autoestima. Provocam, às vezes, uma perda total de sentido, mas podem igualmente estimular a criatividade e a inventividade, contribuindo para que outros equilíbrios sejam forjados, pois em nosso psiquismo, como disse René Kaës, uma “crise libera, ao mesmo tempo, forças de morte e forças de regeneração”. “O desastre ou a crise são também, e sobretudo, oportunidades”, escreveram Chamoiseau e Glissant, após a passagem de um ciclone. “Quando tudo desmorona ou se vê transformado, são também os rigores ou as impossibilidades que se veem transformados. São os improváveis que, de repente, se veem esculpido por novas luzes”.

A leitura pode garantir essas forças de vida? O que esperar dela – sem vãs ilusões – em lugares onde a crise é particularmente intensa, seja em contextos de guerra ou de repetidas violências, de deslocamentos de populações mais ou menos forçados, ou de vertiginosas recessões econômicas?

Em tais contextos, crianças, adolescentes e adultos poderiam redescobrir o papel dessa atividade na reconstrução de si mesmos e, além disso, a contribuição única da literatura e da arte para a atividade psíquica. Para a vida, em suma.

Michèle Petit, *A arte de ler ou como resistir à adversidade*.

São Paulo: ed. 34, 2009.

Questão 1

Responda ao que se pede:

- a) Você concorda com a autora quando, no último parágrafo, ela se refere à “contribuição única da literatura para a atividade psíquica”, “para a vida, em suma”? Em que consiste essa contribuição? Justifique com base em sua experiência de leitor.
- b) Reescreva o trecho “de acordo com os recursos materiais, culturais, afetivos de que dispõem e segundo o lugar onde vivem”, substituindo o que está sublinhado por sinônimos e, se for o caso, fazendo as transformações necessárias, de tal forma que o sentido não se altere e a correção se preserve.

Resolução

- a) **Sim, a literatura é uma fonte única para enriquecimento da “atividade psíquica”. Nosso conhecimento da vida, do psiquismo alheio e do nosso próprio são grandemente moldados pela ficção, ou seja, por representações da vida com que tomamos contato desde o berço, nas histórias que nos contam, e ao longo da vida, nos filmes, novelas televisivas e outros produtos da indústria cultural, inclusive relatos jornalísticos e tantas formas onipresentes de representação da experiência que nos chegam. Mesmo *games* são formas de representação da vida. As formas supremas de ficção, porém, não se encontram – ou rarissimamente podem encontrar-se – nos gêneros mencionados, que em geral são modalidades pobres, acríticas, estereotipadas ou mesmo degradadas de ficção (degradadas especialmente por motivos ideológicos). Na leitura de obras literárias de qualidade, ao contrário, o poder da arte da linguagem e da imaginação criativa são instrumentos para a revelação de aspectos profundos da vida, de nós mesmos e dos outros. Experimentos recentes conduzidos em uma universidade norte-americana e outra europeia demonstraram que leitores de ficção literária, em comparação com pessoas jejunas de literatura, são notavelmente mais capazes de empatia com os outros, o que é um trunfo importante não apenas para a vida social, mas também para o entendimento de si.**
- b) **... de acordo com os recursos materiais, culturais, afetivos *que possuem (de que podem utilizar-se) e conforme (consoante)* o lugar onde vivem.**

Questão 2

Após analisar os seguintes comentários sobre duas passagens do texto, responda se eles são pertinentes ou não, justificando sua resposta.

- a) Ao empregar, no final do primeiro parágrafo, o advérbio “obviamente”, a autora pretende dizer que a “vulnerabilização”, tal como ela ocorre, dispensa comprovação.
- b) A expressão “sem vãs ilusões”, no penúltimo parágrafo, tem a finalidade de relativizar a ideia do “poder da leitura nestes tempos difíceis”.

Resolução

- a) Não, pois “obviamente”, no texto, significa que é evidente o fato de que a “vulnerabilização” se dá de formas distintas, dependendo dos “recursos materiais, culturais e afetivos” com que possam contar as suas vítimas, assim como do “lugar onde vivem”.
- b) Sim, pois a expressão “sem vãs ilusões” chama a atenção para o fato de que o poder da leitura nas situações catastróficas mencionadas é imenso e profundo, tal como se esclarece no último parágrafo; da leitura, porém, não se devem esperar efeitos (materiais, por exemplo) que não são compatíveis com a sua natureza de atividade mental ou, se se quiser, espiritual.

Questão 3

Leia o seguinte texto.

Texto II

Paradoxalmente, o caos em que a humanidade corre o risco de mergulhar traz em seu bojo sua própria e última oportunidade. Por quê? Para começar, porque a proximidade do perigo favorece as instâncias de conscientização, que podem então multiplicar-se, ampliar-se e fazer surgir uma grande política de salvação do mundo. E, sobretudo, pela seguinte razão: quando um sistema é incapaz de resolver seus problemas vitais, ou ele se desintegra, ou é capaz, dentro de sua própria desintegração, de metamorfosear-se num metassistema mais rico, capaz de buscar soluções para esses problemas.

Edgar Morin, <http://www.comitepaz.org.br>

- a) Apesar do texto acima abordar um tema genérico e o texto I, um tema mais específico, é possível identificar no conteúdo de ambos alguma ideia comum? Justifique sua resposta.
- b) Sem provocar alterações no sentido do texto, que sinônimos poderiam substituir, respectivamente, as palavras “Paradoxalmente” (início do texto) e “metamorfosear-se” (final do texto)?

Resolução

- a) O texto II refere-se ao “caos em que a humanidade corre o risco de mergulhar”; o texto I refere-se ao “mundo inteiro” como um “espaço em crise”, enumerando situações em que “transformações de caráter brutal” ou “violência permanente” criam situações caóticas em vários âmbitos da vida social e psíquica. Mas, apesar da diferença de grau de generalidade entre os dois textos, é possível discernir neles um tema comum na ideia de que a própria crise ou o risco de caos (também uma situação de crise) podem propiciar a “regeneração” individual (texto I) ou “uma grande política de salvação do mundo” (texto II). Em ambos os textos, portanto, apesar dos níveis diversos de referência, a *crise* é associada à oportunidade de sua superação.
- b) *Paradoxalmente* = contraditoriamente (ou de forma aparentemente contraditória); *metamorfosear-se* = transformar-se.

Texto para as questões 4 e 5

Texto III

O que diz o vento (07/10/1991)

Para o Brasil chegar afinal ao Primeiro Mundo só falta vulcão. Uns abalozinhos já têm havido por aí, e cada vez mais frequentes. Agora passa por Itu esse vendaval, com tantas vítimas e tantos prejuízos a lastimar. Alguns jornais não tiveram dúvida: ciclone. Ou tornado, quem sabe.

Shelley que me desculpe, mas vento me dá nos nervos. Desarruma a gente por dentro. Mas, em matéria de vento, poeta tem imunidades. Manuel Bandeira associou à canção do vento a canção da sua vida. O vento varria as luzes, as músicas, os aromas. E a sua vida ficava cada vez mais cheia de aromas, de estrelas, de cânticos.

Fúria dos elementos, símbolo da instabilidade, o vento é ao mesmo tempo sopro de vida. Uma aragem acompanha sempre os anjos. E foi o vento que fez descer sobre os apóstolos as línguas de fogo do Espírito Santo. Destruidor e salvador, com o vento renasce a vida, diz a “Ode to the West Wind”, de Shelley. No inverno só um poeta romântico entrevê o início da primavera. Divindade para os gregos, o vento inquieta porque sacode a apatia e a estagnação.

Com esse poder de levar embora, suponhamos que uma lufada varresse o Brasil, como na canção do Manuel Bandeira. Que é que esse vento benfazejo devia levar embora? Todo mundo sabe o mundo de males que nos oprime nesta hora. Deviam ser varridos para sempre. Se vento leva e traz, se vento é mudança, não custa acreditar que, passada a tempestade, vem a bonança. E com ela, o sopro renovador — garante o poeta. A casa destelhada, a destruição já começou. Vem aí a reconstrução.

Otto Lara Resende, **Bom dia para nascer**: crônicas publicadas na *Folha de S.Paulo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2011. Adaptado.

Questão 4

Responda ao que se pede:

- a) O autor ilustra o tema de sua crônica com um provérbio. Esse provérbio poderia ilustrar também os temas dos textos I e II? Justifique sua resposta.
- b) Diferentemente do texto I e II, a crônica de Otto L. Resende, tendo em vista o gênero a que pertence, tem características tanto do estilo jornalístico quanto do literário. Identifique duas marcas linguísticas presentes no texto: uma, própria do estilo literário; outra, própria do estilo jornalístico.

Resolução

- a) **O provérbio mencionado no texto III é “passada a tempestade, vem a bonança”. Nos dois textos anteriores, fala-se de efeitos positivos decorrentes de catástrofes ocorridas ou iminentes (no texto I, a “regeneração” que pode seguir-se à crise; no texto II, a oportunidade de uma política salvadora, num “metassistema mais rico”, consequente ao risco do caos que confronta a humanidade). Pode-se, portanto, aplicar o provérbio aos dois textos, mas com duas restrições: (1) se as catástrofes mencionadas podem ser associadas metaforicamente a *tempestades*, os efeitos positivos não decorrem *necessariamente* delas, diferentemente do provérbio, em que a bonança parece decorrer automaticamente da tempestade; (2) os efeitos positivos de que tratam os dois primeiros textos não podem ser inteiramente identificados com o estado de calma e ventura (felicidade) sugeridos por *bonança*.**
- b) **A referência a evento atual, a linguagem próxima do coloquial culto, o emprego de expressões informais como “Shelley que me desculpe”, assim como o tom geral do texto, anunciado pela frase de abertura, que é bastante conversacional – estas são características próprias da crônica jornalística. O terceiro parágrafo, porém, não apresenta essas características e é mais típico da elaboração literária, tratando de tema atemporal em linguagem mais formal e com referências literárias eruditas.**

Questão 5

No texto III, o autor, por meio de um procedimento intertextual, cita um poema de Manuel Bandeira, cuja primeira estrofe é:

O vento varria as folhas, / O vento varria os frutos, / O vento varria as flores...

E a minha vida ficava / Cada vez mais cheia / De frutos, de flores, de folhas.

- a) A ambivalência atribuída ao vento na crônica de Otto L. Resende também se aplica ao poema de Bandeira, tendo em vista os versos citados? Justifique sua resposta.
- b) Pode-se identificar nos versos acima o emprego de algum recurso expressivo de caráter sonoro com finalidade mimética? Explique.

Resolução

- a) **Sim: na crônica como no poema, o vento “leva e traz”, destrói e constrói, promove mudança.**
- b) **Sim, pois o varrer do vento é acompanhado de longas aliterações das consoantes /v/, que colitera com sua homorgânica /f/, e /R/, o erre forte, também dito erre múltiplo: *Vento, VaRRia, Folhas, Vento, VaRRia, Vento, VaRRia, Frutos, Vento, VaRRia, Flores*. A sequência aliterativa da vibrante /R/ mimetiza o caráter abrupto da varredura, os /v/ e /f/ constrictivos sugerem o sopro do vento.**

SPY VS. SPY

Last month, Attorney General Eric Holder announced that the United States was charging members of the Chinese military with economic espionage. Stealing trade secrets from American companies, he said, enabled China to “illegally sabotage” foreign competitors and propel its own companies to “success in the international marketplace.” The United States certainly understands China’s behavior, because that’s pretty much how we got our start as a manufacturing power, too.

For example, throughout the late eighteenth and early nineteenth centuries, American industrial spies searched the British Isles, looking not only for new machines but also for skilled workers who could run and maintain those machines. One of these workers was Samuel Slater, often called “the father of the American industrial revolution.” He emigrated to the U.S. in 1789, bringing with him an intimate knowledge of the Arkwright spinning frames that had transformed textile production in England, and he set up the first water-powered textile mill in the U.S. Two decades later, the American businessman Francis Cabot Lowell talked his way into a number of British mills, and memorized the plans to the Cartwright power loom. When he returned home, he built his own improved version of the loom. Then, by making it part of the first integrated textile factory in America, he became the most successful industrialist of his time.

The American government often encouraged such piracy. Alexander Hamilton, in his 1791 “Report on Manufactures,” called on the country to reward those who brought us “improvements and secrets of extraordinary value” from elsewhere. State governments financed the importation of smuggled machines. And although federal patents were supposed to be granted only to people who came up with original inventions, in practice, Americans were receiving patents for technology pirated from abroad.

Piracy was a big deal even in those days. Great Britain had strict laws against the export of machines, and banned skilled workers from emigrating. Workers who violated the ban could lose their property and be convicted of treason. The efforts of Thomas Digges, America’s most effective industrial spy, got him repeatedly jailed by the Brits—and praised by George Washington for his “activity and zeal.”

These days, of course, things have changed. The United States is the world’s biggest advocate for enforcing strong intellectual-property rules, which it insists are necessary for economic growth. Yet, as our own history suggests, the economic impact of technology

piracy isn't straightforward. On the one hand, patents and trade secrets can provide an incentive for people to innovate. If you realized that a new invention was going to be stolen by China, you might not invest the time and money needed to come up with it in the first place. On the other hand, patents and trade secrets limit the diffusion of new technology — and sometimes slow down technological progress— while copying accelerates it. Samsung, for instance, is known for being a “fast follower” in its consumer business, which really means that it's adept at copying other companies' good ideas. That's not the same as theft, but evidence from its recent patent trials with Apple shows that Samsung's response to the iPhone was, in large part, simply to do it “like the iPhone.” This was bad for Apple's profits, but it meant that many more people ended up enjoying the benefits of Apple's concepts.

—James Surowiecki

Adapted from **The New Yorker**, June 9 & 16, 2014

Introduction

This passage, adapted from an article in *The New Yorker*, discusses economic espionage, the activity through which either private or governmental agents of one country attempt to steal secrets and/or materials from another country in order to gain some kind of commercial advantage. In his text, the author highlights a controversy involving economic espionage and also provides a brief history of that activity, as well as his own thoughts on the matter. Read the text and answer the questions below. You are advised to read the questions carefully and give answers that are of direct relevance. Remember: Your answer to Question 1 must be written in Portuguese, but your answers to Questions 2 and 3 must be written in English. With these last two questions, you may use American English or British English, but you must be consistent throughout.

Question 1

(to be answered in Portuguese)

(This question tests your understanding of the text, as well as your ability to identify and paraphrase the relevant pieces of information. You should write approximately 120 words.)

The article begins by mentioning a recent U.S.-China economic-espionage incident. In your own words, tell what happened and how the U.S. government reacted. What does the author think about the U.S. government's attitude in this specific case and what examples does he give in the article to support his point of view? Regarding this U.S.-China matter, in your opinion, is the author's position sensible and well formulated or equivocal and unconvincing? In answering, you may take into account legal, ethical, and practical considerations.

Resolução

Essa primeira questão deveria ser respondida em português. O candidato deveria fundamentar-se no texto proposto para descrever o que aconteceu e como o governo americano reagiu.

Pela leitura, depreende-se que os americanos estavam acusando militares chineses de espionagem econômica pelo fato de se aproveitarem de tecnologias e estratégias anteriormente desenvolvidas pelos Estados Unidos. O governo americano interveio nessa questão para tentar aplicar as devidas sanções.

O ponto de vista do autor é uma forte crítica à hipocrisia do governo americano, apoiando-se em exemplos de diversos casos em que os próprios americanos se beneficiaram da apropriação de tecnologia e conhecimento ao longo da história, incentivando a pirataria, importação de máquinas, contrabandeadas, possibilitando a patente de tecnologia e ideias trazidas do exterior.

O candidato deveria posicionar-se defendendo se a crítica do autor foi sensata e bem colocada ou se foi equívoca e pouco convincente. Para responder, o vestibulando deveria levar em conta aspectos legais, éticos e práticos.

Question 2

(to be answered in English)

(This question tests your ability to express yourself in a manner that is clear, precise, and relevant. You should write approximately 120 words.)

In 1876, in what many Brazilians consider an act of “biopiracy,” the English adventurer Sir Henry Alexander Wickham smuggled around 70,000 rubber-tree seeds out of the Amazon region and delivered them to the Royal Botanic Gardens, Kew, London. The resultant seedlings [mudas] were then cultivated in Ceylon (Sri Lanka), Malaysia, Africa, Batavia, and other tropical locations. Sir Henry’s economic espionage caused Brazil to lose its monopoly on rubber production; the Amazon region – especially the city of Manaus – fell into a decline from which it has never fully recovered.

Although the loss of its rubber monopoly was harmful to Brazil, in what ways may the world have benefited from the dispersal of rubber production? Do such benefits justify Sir Henry’s action? Did Brazil have the right to hold such a monopoly? In answering, you should consider rubber’s global military and industrial importance. Moreover, even knowing that espionage of any kind is illegal, would you encourage Brazil’s current government to practice vigorous economic espionage? In other words, if important advantages could be gained, should Brazil, in its condition as a developing country, engage in such a practice against any other country, no matter how rich or poor, friendly or unfriendly?

Resolução

Esta questão testa a habilidade do candidato em se expressar de maneira clara, precisa e relevante.

Para responder à questão, o vestibulando deveria basear-se em um texto que falava sobre a biopirataria sofrida pelo Brasil com o contrabando de sementes de serigueiras da região amazônica, transferidas para os Royal Botanic Gardens e, posteriormente cultivadas no Ceilão (Sri Lanka), Malásia, África, Batavia e outras localidades tropicais. A espionagem fez com que o Brasil perdesse o monopólio da produção de borracha e a região amazônica caísse em declínio do qual nunca mais se recuperou totalmente.

O candidato deveria responder às seguintes questões:

- * Apesar dessa perda de monopólio ter sido prejudicial ao Brasil, de que formas o mundo pode se beneficiar da dispersão da produção de borracha para outras regiões?**
- * Tais benefícios justificam a ação de Sir Henry?**
- * O Brasil teria o direito de manter o monopólio da borracha?**
- * Mesmo sabendo que a espionagem é ilegal, você encorajaria o atual governo brasileiro a praticar intensa espionagem econômica?**

* Deveria o Brasil, na sua condição de país emergente, envolver-se em tal prática contra outros países, sejam eles ricos ou pobres, amigáveis ou não?

Question 3

(to be answered in English)

(This question tests your ability to construct a balanced, considered, and fluent argument in the form of a short composition. The quotations below underscore two aspects of the economic-espionage issue. Read the quotations and answer the question. You should write approximately 120 words.)

At the end of his New Yorker article, author James Surowiecki takes a pragmatic view of economic espionage in general by declaring, "...engaging in espionage is something developing countries do. When you're not yet generating a lot of intellectual property on your own, you imitate. These days, China is going to try to steal, and the West is going to try to stop it."

However, in a recent article ("The Morality of Spying") in the British magazine Prospect, the writer and educator AC Grayling discusses the U.S.-China economic-espionage scandal and wonders whether pragmatism should override ethics:

"Is spying moral? Some would argue that it is necessary, and necessity knows no morality....The fact that others are spying on us – so some argue – is good enough justification for returning the compliment...because advantage and disadvantage in matters of information translates into such solid facts as factories opening and closing, and people gaining or losing jobs: real things happening to real people....If an entity such as a government or a business steals information from another entity – say, potentially useful results of research paid for by the latter – then it is not only a criminal but a moral transgression. Harm has been done, injustice perpetrated: that is what interests morality....Because spying consists of snooping [bisbilhotar] and stealing it deserves judgment in moral terms."

Do you agree with either of the above opinions, either partly or completely? In the end, is economic espionage an immoral as well as criminal act, or can it be justified as an action that provides the greatest good for the greatest number of people?

Once again, in answering, you may take into account legal, ethical, and practical considerations, but please strive to be as clear-sighted and logical as possible.

Resolução

A questão apresenta duas citações que enfatizam dois aspectos referentes à espionagem econômica. O autor James Surowiecki declara que envolver-se em espionagem é algo que os países em desenvolvimento fazem. Se você ainda não estiver gerando uma boa quantidade de propriedade intelectual, você imita.

Já o autor AC Grayling discute o escândalo da espionagem econômica Estados Unidos-China e se pergunta se o pragmatismo deveria passar por cima da ética.

O candidato deveria discorrer se concordava ou não, integral ou parcialmente: a espionagem econômica deve ser considerada um ato imoral criminoso ou pode ser justificada como um ato que promove um bem maior para um maior número de pessoas?

Ao responder à questão, o vestibulando poderia levar em conta aspectos legais, éticos e práticos, mantendo sua argumentação lógica e clara.